

'Não há um economista que concorde com o ajuste atual'

— A Senhora tem dito que o Brasil não deveria assinar esta terceira carta de intenções com o FMI. Por quê?

Conceição Tavares — O que eles estão pedindo que a gente assinasse seria o nosso suicídio e não resolveria nada para eles. O ajuste no balanço de pagamentos que eles queriam, já fizemos: os US\$ 6 bilhões de superávit comercial serão obtidos à custa de uma recessão violenta.

— Graças, sobretudo, ao corte de importação.

Conceição Tavares — E ao corte dos gastos públicos, num conceito que não tem nada a ver com gasto real de consumo e de investimento. Tem a ver com o conceito de financiamento global do setor público. Mais de 63 por cento do déficit é financeiro. Você não pode contar como despesa as dívidas das autoridades monetárias e as dívidas de interesse do setor público. Isto não é despesa coisa nenhuma, é uma questão contábil. Eles mandaram retirar o subsídio, corrigir os preços, o câmbio, o petróleo. Numa economia indexada em dólar, o serviço da dívida, das empresas públicas e privadas e do próprio Governo está dolarizado. Assim puxando o dólar na frente de todos os preços, não se consegue mais equilibrar nada. Cada vez que eles mandam ajustar internamente desajusta ainda mais. Eles estão mandando fazer subidas de preços, supostamente para corrigir os preços relativos, quando na verdade não tem controle de preços nem se pode fazer este reajuste com inflação muito alta. Só se faz estas mudanças quando a inflação está em dez, vinte por cento, e anualizada, a inflação já está em 190 este mês. Depois querem ajustar pelo salário: a folha inteira de salários é inferior ao volume do serviço global financeiro do setor econômico privado e público. As contas todas de renda, de gastos, em termos reais, não podem ser reajustadas quando se tem uma conta chamada juros, com correção monetária, com inflação ascendente, o que significa que você manda para o espaço a parte financeira das empresas públicas, das empresas privadas e do próprio Governo.

Na verdade, as autoridades monetárias estão gerando dívida em bola de neve, para servir à própria dívida; as empresas públicas estão endividadas em dólar, com os seus custos financeiros crescentes, o mesmo ocorrendo com as empresas privadas.

— A questão inicial era esta: a ajuda do Fundo foi pedida porque o Brasil não tinha condições de pagar seus compromissos externos. A arrumação na economia tinha que ser feita para resolver este problema.

Conceição Tavares — Então, cumprindo o ajustamento voluntário, proposto no ano passado — foi feita uma recessão e chegou-se a um superávit de balança comercial — estamos na meta que eles pediram. Você não pode propor o ajuste interno para cortar o déficit porque da maneira como está sendo proposto, o ajuste interno não diminui a inflação, sobe. E não diminui o déficit, aumenta. Então, o que o Fundo está

propondo é uma impossibilidade técnica. É um caso de ignorância. Eles são ignorantes, não entendem as contas do Brasil. Não percebem. Evidentemente que, se houver a desindexação global como o Bulhões propõe, tudo bem. Só que aí quebra o sistema financeiro. Todo mundo está de acordo que isto que está aqui não resolve nada. A primeira coisa era parar as contas internas em dólar.

— Como desdolarizar a economia?

Conceição Tavares — Acabar com a 63, com a correção cambial. Resgatar os títulos cambiais e colocar outros.

— E a inflação?

Conceição Tavares — Ninguém acreditava que o Fundo fosse aceitar a meta de inflação de 138 por cento, já vai ter que aceitar a meta de 160 por cento. Isto significa que pela quinta vez você vai ter que refazer o orçamento público. E se assinar o acordo agora em novembro vai ter que assinar outro, porque não fecha. É impossível, tecnicamente, ajustar o orçamento com mais da metade da dívida em cruzeiro denominada em dólar, corrigida pela cambial. É impossível, você não pode fazer milagre. No entanto eles continuam. Não podem explicar aos técnicos do Fundo do que se trata? Mas o Fundo não pode abrir exceções para o Brasil, dizem. Mas como, se o Brasil é o único país que tem isto? O próprio Olavo Setúbal escreveu três artigos, coisa que a Oposição vem dizendo há dois anos: separa a taxa de câmbio da taxa de juros, uma coisa não pode ficar amarrada à outra. Resgata os títulos em dólar. Para que fez os títulos em dólar? Para dar a garantia de que o título se valoriza? Mas se nós não temos dólar, como dar esta garantia? Então não quer baixar a taxa de juros, quer que a economia vá para o encilhamento?

— Na entrevista com o professor Celso Furtado, ele disse que provocando uma recessão se consegue um custo marginal de exportação muito mais baixo que o custo variável. Isto talvez fosse uma explicação para o fato de o FMI estar propondo medidas tão recessivas.

Conceição Tavares — Você só consegue isso por um ano, dois anos, três anos, tá claro? E já temos três anos de recessão. Não se consegue gerar, no ano que vem, um superávit maior que o atual, à custa de uma recessão maior. Porque se tivermos interrupção de fornecimento de petróleo e custos crescentes internos, a produção industrial se desorganiza e simplesmente não se consegue exportar os volumes atuais. Ocorre que os preços agrícolas estão subindo, e representam os custos primários para toda a indústria de alimentação e transformação; o custo de petróleo está subindo, e ele é custo primário para toda a indústria e para todo o sistema de transportes; a taxa de juros também está subindo, e significa custo financeiro para toda a atividade econômica. Pensar que você pode estar com todos estes custos subindo e compensar do lado dos salários é uma malucadeira. Do ponto de vista industrial, os salários são apenas dez por cento da produção.